

FAVELAS EM FORTALEZA: DO SURGIMENTO A TENTATIVA DE ERRADICAÇÃO (1877-1973).

RESUMO: O trabalho compreende um estudo sobre as favelas de Fortaleza entre o final do século XIX e a década de 1970, buscando analisar o surgimento/crescimento destas áreas na capital cearense e a política de erradicação delas através do Programa Integrado de desfavelamento (1973). O longo recorte temporal corresponde ao aparecimento dos primeiros aglomerados precários e da tentativa de eliminar estas áreas com o projeto de remoção. Assim, o texto esta dividido em dois momentos: primeiramente, ele aponta de que maneira algumas das principais cidades brasileiras passam a conviver com as favelas, as quais se constituíram enquanto a principal (pela falta de opção, muitas vezes) alternativa para o trabalhador pobre e, posteriormente, traz uma gênese do conceito de favela, apontando algumas intervenções políticas de combate aos mocambos que ocorreram tanto em Fortaleza quanto em outras capitais.

Apropriando-nos dos estudos dos historiadores Rodrigo Almeida (2013), Gisafran Jucá (2003) e Kênia Rios (2001); dos geógrafos Rérisson Máximo (2012) e Carlos Pinheiro (2007) e da arquiteta e urbanista Thêmis Aragão (2010), a cidade de Fortaleza experimentou o fenômeno favela devido às constantes migrações por motivos de seca (principalmente as de 1877, 1915 e 1932) da multidão que fugia da miséria e da fome, esperando encontrar na capital alencarina melhores condições de sobrevivência. Os migrantes contribuíram para a formação/crescimento destas zonas porque "[...] a seca acelera um processo de aprofundamento das contradições do espaço urbano de Fortaleza, na medida em que os retirantes, quando chegam à capital, precisam de moradias [...]" (ALMEIDA, 2013, p. 33), assim "[...] eles chegavam, e normalmente procuravam terrenos afastados e de preferência públicos, para se alocarem. Desta forma, eles ampliavam as periferias e o surgimento das favelas [...]" (ALMEIDA, 2013, p. 118).

Desde 1888, de acordo com Jucá (2003), a "Planta da Cidade de Fortaleza Capital da Província" de Adolfo Herbster, já registrava a presença de casebres nas proximidades da orla marítima central – lugar chamado de Arraial Moura Brasil –, "[...] a mais antiga forma de pré-favelamento que a cidade conheceu [...]" (JUCÁ, 2003, p. 48). No Arraial habitava a "[...] população de baixa renda, que migrou para a Capital, principalmente durante o século XX, em função dos graves problemas climáticos que assolaram o Estado do Ceará e da estrutura

fundiária concentradora [...]" (PINHEIRO, 2007, p. 11). Além das secas, a instalação de indústrias e a construção do Porto do Mucuripe, na década de 1930, também causaram a expansão desta e de outras favelas como a do Pirambu, "[...] considerado um prolongamento do Arraial [...]" (JUCÁ, 2003, p. 49). Existia tanto estigma sobre estas áreas que até o nome dado a favela do Arraial foi alvo de preconceito:

> Nas quadras agitadas tem-se chegado a ir buscar lá fora nomes estranhos à nossa vida, história e simpatia: e foi assim que, agitadamente, deram o nome sangrento de Floriano a uma das nossas melhores ruas[1] e deixaram o doce, querido e precioso cearense Moura Brasil[2] atirado ao que havia de mais sujo na cidade! (NOGUEIRA, 1980, p. 36).

Os Campos de Concentração também influenciaram no crescimento destas áreas, o próprio Pirambu surgiu "[...] a partir do Campo do Urubu, denominação oficial do que era um Campo de Concentração, onde ficariam reclusas pessoas consideradas inoportunas ao convívio da cidade [...]" (CAVALCANTE, 2016, p. 10). Segundo Rios (2001), os campos faziam parte de uma estratégia política de isolamento dos retirantes[3], por isto eles eram "[...] construídos próximos aos bairros pobres da cidade. Desta maneira, as classes abastadas não teriam contato com esses flagelados, e após o término da estiagem, caso os retirantes não voltassem para sua cidade natal, já habitaria a periferia da cidade [...]" (ALMEIDA, 2013, p. 24). Entretanto, esta medida ocasionou mais o afastamento dos ricos das áreas centrais que dos flagelados, agora favelados.

Antes da chegada maciça de retirantes de seca à capital do Ceará, os bairros mais aristocráticos da cidade eram a Jacarecanga e o Benfica, localizados, respectivamente, a oeste e sudoeste do centro (ARAGÃO, 2010). Para muitos pesquisadores, a saída destes bairros e a procura da elite por espaços mais afastados como a Praia de Iracema, Aldeota e Meireles, na parte leste da cidade, a partir dos anos 1940, deveu-se, principalmente, ao crescimento de

---

[1] A Rua Floriano Peixoto, localizada no Centro de Fortaleza, é uma homenagem ao primeiro vice-presidente e segundo Presidente do país. Antes de receber esta denominação em 1891, ela já foi Rua Pitombeira, Boa Vista, das Belas, da Alegria e nº 5. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1963/1963-FortalezaCasaseRuasNumeradas.pdf. Acesso em nov. de 2016.

[2] "José Cardoso de Moura Brasil (1846-1929) foi um renomado médico oftalmologista do País. O "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense", de Barão de Studart, por exemplo, chama-o de "príncipe da cirurgia oculista no País"." Disponível em: http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/09/05/noticiasopovonosbairros,3123766/moura-brasil-ja-foi-campo-de-concentracao-de-retirantes-da-seca.shtml. Acesso em nov. de 2016.

[3] Ver RIOS (2001).

favelas vizinhas ao Centro e próximas da Avenida Francisco Sá – também, na zona oeste –, região onde existiam muitas indústrias:

> A concentração da população operária, a transformação dessa área na mais promissora concentração industrial do Estado, e o posterior surgimento de favelas foram os maiores motivos para que a burguesia que se instalara com suas confortáveis e belas residências no bairro de Jacarecanga, em sua maioria, e, em menor escala no bairro do Benfica, no início da expansão da cidade, elegesse outro espaço onde pudesse se instalar, distante de indústrias e da "presença incômoda" de operários. Assim surge a Aldeota [...] (SILVA, 1992, p. 50).

Esta configuração socioespacial de Fortaleza, o leste de moradores mais abastados e o oeste de trabalhadores pobres, ainda é perceptível nos dias atuais. A partir da década de 1940, enquanto os ricos mudavam-se do oeste para o leste, o Arraial correspondia ao bairro mais pobre da cidade, além de "[...] uma das "zonas perigosas", bem próxima ao centro, onde adolescentes e crianças conviviam com prostitutas [...]" (JUCÁ, 2003, p. 148). Esta realidade (ou imagem) perdurou até a década de 1970, pois a miséria, a criminalidade e a prostituição ainda apareciam enquanto características desta favela: "[...] tinha o antro de marginais e o baixo meretrício que faziam do Arraial Moura Brasil[4] o bairro das noticias policiais. O seu anexo – a Cinza servia de centro aos maconheiros e homossexuais [...]" (*O POVO*, 05/10/1974, p. 28).

A remoção do Arraial foi traçado pelo Plano Diretor de Hélio Modesto, ainda em 1963, o qual também considerava a migração, do interior para a capital, como o grande fator de formação das favelas (FORTALEZA, 1969). O urbanista propôs aquilo que foi experimentado e sistematizado quase dez anos depois com o Programa Integrado de desfavelamento: a remoção das zonas marginais da capital. Porém, ele aconselhava que "[...] o problema das favelas não devia ser encarado pelas autoridades municipais de Fortaleza, como tem acontecido em outras cidades, com o critério simplista de soluções de urbanização ou deslocamento de populações [...]" (FORTALEZA, 1969, p. 32).

Hélio Modesto, nascido no Rio de Janeiro, participou da elaboração de um relatório sobre as condições de vida de moradores de 16 favelas cariocas, entre 1957 e 1959 (MELLO, 2014). Porventura, ele deve ter alertado para o não tratamento simplório, por ter experimentado algumas intervenções na ex-capital brasileira que não obtiveram os resultados

[4] Este local ou parte dele existe até os dias atuais, marcando um contraste (pobreza-riqueza) na paisagem da capital, por dividir espaço com um dos hotéis mais luxuosos de Fortaleza: o Marina Park.

esperados: “[...] extinção ou introdução de melhorias nas favelas [...]” (VALLADARES, 1980, p. 24). Em Fortaleza, suas propostas – habitação para os mais pobres e a criação de um Serviço Social de Favelas – foram relativamente efetivadas pela Prefeitura, através do Programa Integrado de desfavelamento e da Fundação do Serviço Social de Fortaleza (FSSF) (FORTALEZA, 1969).

O Programa Integrado de desfavelamento, além de institucionalizar a segregação socioespacial, ao promover uma divisão espacial – de lógica econômica e urbanística – entre os diferentes estratos sociais fortalezenses, colocou em xeque o seu próprio objetivo de elevar o nível de vida dos transferidos, tendo em vista que a realidade dos conjuntos (Alvorada, Mal.Rondon e Palmeiras) era, em muitos aspectos, pior que nas favelas. Assim, o habitante pobre permaneceu excluído, mas se antes a exclusão se materializava nas péssimas condições de moradia, com a remoção, isto é somado ao local determinado para ele: a periferia.

A prática de eliminar favelas e transferir suas populações para outros locais não foi exclusividade da capital cearense e do Prefeito Vicente Cavalcante Fialho (1971-1975), um dos primeiros municípios a lançar tal medida foi o Rio de Janeiro sob a administração de Carlos Lacerda (1960-1965), como aponta Valladares (1980). Em Salvador, também nos anos de 1960, “[...] a “erradicação” das favelas internas tornava-se uma das bandeiras das campanhas eleitorais, congregando interesses quase universais [...]” (BRANDÃO, 1980, p. 131), tais eles: “[...] a intolerância pelas vizinhanças de baixa renda e as prementes necessidades da crescente classe média urbana, à esperança dos “pobres” de uma casa melhor ou de alguma casa afinal [...]” (BRANDÃO, 1980, p. 131).

Portanto, a década de 1960 pode ser considerada o marco da política urbana de combate as sub-habitações e mocambos das cidades brasileiras. No caso do município de Fortaleza, foi entre 1961 e 1963 que ocorreu o levantamento socioeconômico dos moradores de suas áreas marginais (já comentado) e a elaboração do Plano Diretor de Hélio Modesto (1963) e da FSSF (1963-1964). Vale ressaltar que após o Golpe de 1964, a política do BNH/COHAB objetivava prosseguir com a eliminação de favelas e, sobretudo, reduzir o déficit habitacional (valores). Além disso, a medida de despejar moradores foi, paulatinamente, substituída pela remoção ou desfavelamento, visto que remover/desfavelar minimizava (na teoria) os efeitos cíclicos do despejo: o surgimento de novas favelas.

O termo *favela*, segundo a arquiteta Suzana Pasternak (2008), vem do nome de um arbusto, presente nos morros da região de Canudos (Bahia), o qual, em 1920, passou a designar qualquer *habitat* pobre e de ocupação irregular. De acordo com Valladares, "[...] o único elemento comum a todas as favelas é a ocupação ilegal do solo. Se em algumas se encontram casas de alvenaria, em outras elementos de infra-estrutura básica, em nenhuma, porém, a posse legal da terra aparece como característica [...]" (1980, p. 30). Em São Paulo, entre os anos 1940 e 1960, a favela era considerada a "[...] "doença" da cidade e favelados, grupo marginal a remover [...]" (PASTERNAK, 2008, p. 78).

Em 1950, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estática (IBGE) considerava favela "[...] um aglomerado de pelo menos cinquenta domicílios – na sua maioria carente de infraestrutura – e localizados em terrenos não pertencentes aos moradores [...]" (RODRIGUES, 1997, p. 36). Atualmente, estes locais não abrigam apenas pessoas miseráveis e tampouco apresentam apenas barracos – ao contrário, a casa de alvenaria é predominante –, como afirma Pasternak (2008), fora que "[...] a favela não reúne todos os pobres de uma cidade, e nem todos os que nela vivem podem ser definidos segundo os mesmos critérios de pobreza [...]" (SANTOS, 1980, p. 75).

Para o Programa de desfavelamento fortalezense, "[...] o conceito de favela foi definido como aglomerados de habitações sub-anormais, segregados, ocupando terrenos de terceiros ou públicos, de forma desorganizada caracterizando-se, em sua maioria, pela deficiência de recursos básicos e equipamentos de natureza social e cultural [...]" (FORTALEZA, 1973) e a população favelada correspondia à migrantes de "[...] nosso Estado e de Estados vizinhos, sem qualificação profissional, com baixo nível de instrução escolar, tendo consequentemente de exercer atividades econômicas de pouca rentabilidade e de caráter instável [...]" (FORTALEZA, 1973), portanto, nas palavras do plano, eles eram "[...] a camada da população de mais baixo poder aquisitivo [...]" (FORTALEZA, 1973).

O Arraial foi removido entre 1972 e 1974, a partir da necessidade municipal de desenvolver o espaço urbano da cidade, através da construção da Avenida Presidente Castelo Branco – a Leste-Oeste – e de retirar, afastar e esconder de sua área central/turística e de seu "elegante" bairro vizinho (Aldeota), a presença do pobre: "[...] era preciso erradicar o mal. O desfavelamento foi a melhor solução [...]" (*O POVO*, 05/10/1974, p. 29). Segundo este Jornal, "[...] para abrir a nova via foi necessário cortar uma das "chagas" de Fortaleza", era assim que

o povo chamava o Arraial Moura Brasil, também denominado de Cinza ou Curral, antro de prostituição e crime [...]" (*O POVO*, 10/10/1977, p. 6).

Ao analisarmos esta citação, refletimos sobre duas questões, tendo em vista que a primeira já fora respondida: Por que as favelas eram "chagas"? Que "povo" chamava o Arraial de "chaga"? Podemos afirmar, através dos relatos dos nossos depoentes ex-moradores de lá, que estes não o chamavam e nem o consideravam isto, apesar de listarem vários problemas existentes naquele local, como a invasão das casas pelo mar ou a convivência com as prostitutas. A dona Luiza a ser perguntada sobre a favela do Arraial, até ironizou: "[...] mas o Arraial Moura Brasil não era favela não, era bairro nobre (risos da depoente), se é favela, é agora. Mas, ali era muito bom, bem pertinho do Centro, perto da praia, perto de coisa boa, eu morava ali lá onde é o Marina agora [...]".[5]

Assim como os cortiços já foram as habitações dos mais humildes no século XIX e passaram por um processo de extinção devido ao "perigo" que eles representavam para as classes mais abastadas, as favelas também foram "condenadas" à erradicação por ser um empecilho aos planos urbanísticos ou estarem localizadas em terrenos urbanizados e de alto valor imobiliário (VALLADARES, 1980). A favela, para a antropóloga Alba Zaluar, "[...] não é periferia, nem esta à margem [...]" (2006, p. 7). De fato, ela se faz presente nos bairros ricos e nos centros urbanos. Entretanto, "[...] ser favelado é, antes de tudo, sinônimo de ser pobre [...]" (OLIVEIRA, 2006, p. 81) e esta posição socioeconômica dos moradores junto ao preconceito sobre tal área, formavam e fortaleciam a imagem negativa destes locais, no inicio da década de 70:

> A favela é, seguramente, o sistema mais alarmante de importância econômica que atinge esses setores não totalmente incorporados ao processo produtivo. Pode ser considerado um microcosmo, que contem em seu bojo todas as formas conhecidas de marginalização. Nela se abrigam o desempregado e o que vive de biscates, o mendigo e a prostituta. Não raro é também valhacouto de marginais periculosos. O aspecto das habitações e as condições promíscuas de sua utilização refletem não apenas pobreza, mas também uma aflitiva resignação a esse pauperismo, o que conduz à deterioração de valores, ao afrouxamento dos costumes e à desorganização familiar (FORTALEZA, 1974?, p. 3).

Esta visão quase determinista de que "[...] a favela, com seu desajeito urbano, faz os homens se imiscuírem numa perversão moral [...]" (MOTA, 1979, p. 9), acarretando uma

[5] PINTO, Luiza Gomes. **Luiza Gomes Pinto**: depoimento [jul. 2016]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2016. Arquivo em MP3.

série de problemas de geração em geração, pois "[...] a vida na favela desagrega, na sua maioria, a própria família [...]" (MOTA, 1979, p. 9) era bastante utilizada para justificar a necessidade de atuação governamental através da remoção.

> São as favelas, cujas unidades componentes possuem limitadas condições de habitabilidade, em razão dos materiais empregados, dos sistemas construtivos rústicos, do dimensionamento deficiente e da ausência de serviços de saneamento [...] trata-se de abrigos precários, "construídos espontaneamente em terrenos de propriedade de terceiros, terrenos baldios, terrenos públicos e até leitos de ruas" (FORTALEZA, 1974?, p. 4).

As favelas foram sempre alvo de remoção quando os administradores da cidade planejavam realizar obras urbanísticas, outra razão era quando o mercado imobiliário passava a requerer os seus terrenos ocupados. Assim, a retirada delas legitimava-se tanto por cumprir às exigências "[...] do desenvolvimento urbano de Fortaleza, quer, por um lado, a ampliação do sistema viário, quer, por outro lado, pela mudança de uso do solo [...]" (FORTALEZA, 1973) e/ou porque "[...] o favelado é visto como um ilegal, sendo legal retirá-lo dos locais que ele usurpou [...]" (KOWARICK, 1979, p. 91). Em outras palavras:

> A favela torna-se um problema na medida em que, com a expansão da cidade, a área que ocupa começa a se valorizar. Ou são as vias expressas e prédios públicos que reclamam o espaço tomado pelos barracos – e é preciso removê-los. Ou é a lógica da especulação imobiliária que leva o investidor privado a tomar a iniciativa da operação "limpeza" – e como a fonte última do direito é a propriedade, o favelado junta seus trastes e vai se instalar em outro lugar, até que o crescimento da metrópole que ele ajuda a construir o expulse novamente (KOWARICK, 1979, p. 160).

O programa de erradicação de favelas em Fortaleza foi mais que uma política de isolamento – como acontecera no caso dos Campos de Concentração do Ceará no início do século XX –, era uma prática excludente que continuou a limitar o direito da população pobre de escolher onde quer morar. Dizemos isto levando em conta que a própria ida à favela ocorre pela falta de recurso econômico, ou seja, ela é a única opção viável para permanecerem nas cidades e/ou próximos ao mercado de trabalho. Por outro lado, os conjuntos para onde os removidos foram deslocados transformaram-se na certeza (ou promessa) "[...] de não mais ouvirem a terrível voz: 'saia, porque preciso deste lugar'" (MOTA, 1979, p. 23).

Com a remoção, a escolha também foi mínima, apesar dos removidos afirmarem que os assistentes da FSSF davam outras possibilidades: "Eu sabia desses conjuntos (Alvorada,

Palmeiras), mas eu preferi vim pro Rondon".[6] Nesta fala de Raimunda, identificamos sua preferência de vim ou não ao Conjunto Marechal Rondon, entretanto, também se percebe que eles tinham apenas a alternativa de ir a um destes terrenos: "Não foi forçado não (a escolha), tinha para o Palmeiras, tinha para outros cantos, né? E eu escolhi aqui (Rondon)".[7] Desse modo, trazendo um pouco de reflexão do capítulo anterior, o conjunto habitacional, quer seja para inscritos (BNH/COHAB) quer seja para removidos, passou a ser principal opção oficial e legitima do trabalhador pobre.

Uma das finalidades do desfavelamento era beneficiar a população removida, oferecendo a possibilidade de possuírem uma casa própria e isto, para todos os transferidos, foi a principal vantagem da remoção: "[...] eu queria vim, ter minha casa, né? Foi uma luta, mas agora eu tenho minha casa [...]".[8] A luta refere-se às mudanças negativas no cotidiano deles, quando da chegada ao Conjunto Marechal Rondon: "[...] quando chegamos aqui não tinha água nem luz, ai eu fui levar chá de cadeira na Prefeitura de Fortaleza, com o Prefeito Vicente Fialho, era o da época [...]"[9] e também da dificuldade de locomoção para o trabalho, que antes era próximo de suas antigas moradias: "[...] o bom do Arraial é que eu morava perto do meu trabalho, eu ia a pé pra Floriano Peixoto, pra sede da Fundação, ia pra praia [...]".[10]

A capital cearense, assim como as outras capitais, não foi apenas palco das construções ou das reformas elaboradas pelos planos urbanísticos, desde o século XIX, ela também passou a contar a história destes acontecimentos, através das marcas presentes no que nela é visível (a configuração espacial, as avenidas, os conjuntos arquitetônicos etc.) ou nas experiências e memórias de seus habitantes. Segundo Rolnik (1995), os territórios (bairros) das grandes cidades de hoje podem ser facilmente identificados e diferenciados: "[...] ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais a frente o distrito industrial, ou ainda o bairro proletário [...]" (ROLNIK, 1995, p. 40).

Esta diferenciação é possível devido às inúmeras intervenções urbanísticas promovidas pelos administradores das cidades, sendo uma delas a remoção de favelas.

---

[6] Depoimento de Raimunda Leopoldina e Silva. Entrevistada em 09 de agosto de 2014.
[7] Depoimento de Maria Edite Ferreira Dias. Entrevistada em 09 de agosto de 2014.
[8] SILVA, Raimunda Leopoldina. **Raimunda Leopoldina e Silva**: depoimento [ago. 2014]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2014. Arquivo em MP3.
[9] DIAS, Maria Edith Ferreira. **Maria Edith Ferreira Dias:** depoimento [ago. 2014]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2014. Arquivo em MP3.
[10] Depoimento de Raimunda Leopoldina e Silva.

Reconhecer/localizar os bairros mais humildes e os mais abastados de Fortaleza, não apenas revela a forte *exclusão socioespacial* da população de menos poder aquisitivo, como ainda demonstra que a cidade (ou um espaço nela) também é construída através de tensões e disputas. Nestas lutas, estavam imbricadas as aspirações – em relação ao valor de segurança, habitação e conforto que a urbe representava ou deveria representar – de quem removia e, sobretudo, de quem era removido. Para este, ter um lugar na urbe – no caso, possuir uma moradia –, além de ser uma necessidade pessoal e familiar, conferia cidadania e identidade, de modo que, devidamente inseridos no ambiente urbano, eles se sentiam realizados.

Contudo, tais realizações (ter a casa própria e a possibilidade de "sair da favela") para a população de zonas precárias e de pouca condição financeira só se concretizavam, muitas vezes, como temos visto, mediante a intervenção estatal. A capital cearense, por exemplo, através de seu programa de desfavelamento, promoveu a ascensão de vários favelados, transformando-os em proprietários de suas casas. Porém, a prática de desfavelar não estava preocupada apenas com a questão social, ela também se relacionava a uma necessidade urbanística e, muitas vezes, esta era a prioridade do governo municipal.

REFERÊNCIAS

A cidade em festa ganha a Avenida Castelo Branco. **O Povo**, Fortaleza, 05 out. 1974. Caderno A, p. 28.

ALMEIDA, Rodrigo C. de. **A modernidade e as favelas**: a produção do espaço urbano de Fortaleza a partir da seca de 1932. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

ARAGÃO, Thêmis A. **Influência das políticas habitacionais na construção do espaço Urbano metropolitano de Fortaleza - História e perspectivas.** Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ARAÚJO, Erick A. de. **Nos labirintos da cidade**: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. O último dia da criação: mercado, propriedade e uso do solo em Salvador. In: VALLADARES, Licia do Prado (Org.). **Habitação em questão.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade:** história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CAVALCANTE, Raimundo. **Pirambu**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Maria Edith Ferreira. **Maria Edith Ferreira Dias:** depoimento [ago. 2014]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2014. Arquivo em MP3.

ISTO mudou para sempre. **O Povo**, Fortaleza, 05 out.1974. Caderno A, p. 29.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945 – 1960)**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

MÁXIMO, Francisco Rérisson C. C. **Moradia, arquitetura e cidade:** mudanças e permanências na produção de habitação social no espaço urbano metropolitano de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.

MELLO, Juliana O. B. de. **"Urbanização sim, remoção não":** a atuação da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara nas décadas de 1960 e 1970. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MOTA, João Nogueira. **Fundação do Serviço Social de Fortaleza:** dezoito anos de Política Social. Fortaleza, 1982.

_____. **Últimas Palavras:** homenagem póstuma a Aldaci Barbosa Mota. Fortaleza, 1979.

NAS zonas marginais "as chagas" continuam vivas. **O Povo**, Fortaleza, 10 out. 1977. Caderno A, p. 6.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha:** crônicas. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

OLIVEIRA, Jane de Souto e MARCIER, Maria H. "A palavra é: favela". In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PASTERNAK, Suzana. A favela que virou cidade. In: VALENÇA, M. M. (Org.). **Cidade (i)legal.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PINHEIRO, Carlos H. L. **Desenvolvimento urbano e seus reflexos socioespacias**: estudo da relação entre a população e uma política de produção do espaço urbano no Arraial Moura Brasil – Fortaleza – Ceará. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

PINTO, Luiza Gomes. **Luiza Gomes Pinto**: depoimento [jul. 2016]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2016. Arquivo em MP3.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Governo do Estado do Ceará. **Experiência vitoriosa de desfavelamento:** Conjunto Alvorada e Marechal Rondon. Fundação do Serviço Social de Fortaleza. Fortaleza, 1974?

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Programa Integrado de desfavelamento de Fortaleza**: estudo preliminar. Secretaria Municipal de Planejamento. Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza. Fundação do Serviço Social de Fortaleza. Fortaleza, 1973. s/p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Plano Diretor da Cidade de Fortaleza.** Lei nº 2.128, de 20-03-1963. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1969.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração do Ceará**: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual:** a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA, Raimunda Leopoldina. **Raimunda Leopoldina e Silva**: depoimento [ago. 2014]. Entrevistador: Angerlânia da Costa Barros. Caucaia: 2014. Arquivo em MP3.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa:** análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.